

Natureza, justiça e violência: impetuosidade nos F 9 W e F 12 W de Sólon

Carlos Eduardo de Souza Lima Gomes¹

Resumo: O artigo busca perceber de que maneira Sólon elenca alguns elementos da natureza em dois de seus fragmentos – F 9 W e F 12 W – como metáforas que contribuem para a defesa de uma visão específica política apregoada para o autor. Para tanto, como chave de compreensão, são recuperadas aqui as idéias apresentadas no F 5 W do mesmo autor. Ao final do artigo são destacados alguns paralelos entre as ideias de Sólon e as de outros autores tais como Hesíodo e Teógnis.

Palavras-chave: Sólon, Natureza, Justiça, Violência.

Abstract: The paper tries to perceive in what manner Solon list some nature's elements in two of his fragments – F 9 W and F 12 W – as metaphors that contribute for the defense of one specific political vision proclaimed by the author. For that, as reading key, the ideas presented in F 5 W of the same author are here recovered. At the end of the paper some parallels between Solon's ideas and those of other authors like Hesiod and Theognis are highlighted.

Keywords: Solon, Nature, Justice, Violence.

Os versos elegíacos de Sólon são, em grande medida, dedicados à situação política instável percebida no cotidiano ateniense da virada do século VII para o VI a.C. Conforme se sabe, a dinâmica social se encontrava bastante debilitada, com constantes enfrentamentos dos grupos da população, prevalecendo a atmosfera da temida *stásis*. Neste quadro é que Sólon ascende ao arcontado em Atenas, exercendo esse posto entre os anos de 594/593².

A proposta deste, segundo seus próprios versos, teria sido uma tentativa de conciliar os interesses da aristocracia aos do restante da população. Essa intenção soloniana pode ser percebida nos versos do F 5 W onde lê-se:

δήμῳ μὲν γὰρ ἔδωκα τόσον γέρας ὅσον ἔπαρκειν
τιμῆς οὔτ' ἀφελῶν οὔτ' ἐπορεξάμενος·
οἱ δ' εἶχον δύναμιν καὶ χρήμασιν ἦσαν ἀγητοί,
καὶ τοῖς ἐφρασάμην μηδὲν αἰκὲς ἔχειν·
ἔστην δ' ἀμφιβαλῶν κρατερόν σάκος ἀμφοτέροισι,

¹ Aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da FALE-UFMG, na área de Literatura Comparada. carloseduardogomes@gmail.com. Aproveitamos o espaço para agradecer a leitura atenta, bem como as precisas contribuições feitas por Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa.

² Não nos ateremos no presente trabalho na discussão a respeito da datação do arcontado de Sólon, por não ser o principal escopo de nossa proposta. No entanto cabe apontar que a datação apontada é a mais comumente aceita; as variações existentes colocam o arcontado de Sólon mais próximo à metade do século VI a.C. Para maiores detalhes cf. LEÃO, 2001. Sobretudo o capítulo II.2 – *Dados Biográficos de Sólon*, p. 239-279.

νικᾶν δ' οὐκ εἴασ' οὐδετέρους ἀδίκως.³

Ao povo dei então tal distinção, tanta quanto suficiente,
Honra não tomando e não acrescentando;
Aos que detinham poder e riquezas, admiráveis,
À eles nada vexatório impus:
Pois de pé sustive forte escudo sobre ambos lados,
a vitória não permitindo a nenhum de forma injusta.

Como é perceptível, o ideal apregoado pelo arconte neste fragmento é o da conciliação entre os interesses dos lados envolvidos na disputa, na *stásis* premente nessa Atenas do século VI – ainda que o termo não seja utilizado neste fragmento. No entanto, uma palavra salta aos olhos por caracterizar a forma como a vitória não deve dar-se neste contexto. Esta é ἀδίκως, ou seja, injusto. Chantraine, no verbete δίκη de seu *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque* nos indica que O “composto com ἀ-privativo é de primeira importância e se situa no centro de todo um sistema de termos e de noções: ἄδικος ‘injusto, que faz torto’, dito de pessoas, de ações e de noções ...” (CHANTRAINE, 1968: 283)⁴. Esse par δίκος/ἄδικος, em nosso ponto de vista, é essencial para a poesia elegíaca de Sólon, situando-se ao centro do sistema político por ele idealizado e defendido. Deve-se ressaltar ainda que δίκος não possui originalmente a ideia de algo ‘justo’ e sim de algo ‘conforme o costume’ tal como aponta o próprio Chantraine, em passagem anterior, no mesmo verbete já citado. Tudo isso sugere que Sólon tenha sido, em grande parte, um colaborador na delimitação do campo de significado destes termos.

O propósito que justifica toda a discussão a respeito da terminologia empregada pelo poeta em seus versos se pauta na ideia de que os F 9 W e F 12 W trazem em si uma mensagem que dialoga com a sociedade do período. As metáforas de violência e monstrosidade elencadas nos fragmentos favorecem o diálogo com os homens e os informa a respeito de um determinado discurso político que é defendido nos versos. Todos os autores que são indicados ao longo do percurso deste trabalho parecem partilhar da perspectiva que apresenta o monstro, o monstruoso, como forma possível de

³ As traduções dos fragmentos de Sólon apresentadas são nossas, baseados no texto grego estabelecido por Martin West.

⁴ *Le composé avec ἀ-privatif est de première importance et se situe au centre de tout un système de termes et de notions : ἄδικος « injuste, qui fait tort », dit de personnes, d'actions et de notions ...*

se pensar e questionar o mundo através da imagem do desconhecido, do outro, do invertido, do descomunal.

Assim, a análise do F 5 W fornece a chave de interpretação das metáforas empregadas por Sólon e esta chave é necessária para que se adentre no mundo apresentado por ele. Segundo Barbosa,

De fato, em se tratando de criaturas literárias, eles [os monstros] fazem parte de um mundo mentiroso criado em um universo virado de ponta-cabeça. Criaturas enigmáticas que têm identidade com o humano porque criadas por ele. (BARBOSA; PARAIZO, 2008: 9)

Ainda que a autora citada atribua esse caráter de inversão diretamente aos monstros, é possível – por extensão – indicar essa mesma marca às monstruosidades, às calamidades, às catástrofes às quais os homens estão indefesamente submetidos. É a chave do F 5 W que indica a forma de se abrir a porta para essa ‘realidade’ do autor. Julgamos que a única ressalva que deve ser feita é que a identidade com o humano se dá, no caso dos eventos naturais, não pelo viés da criação. Antes, o que se tem é a relação de experiência, é o ambiente no qual o homem se insere e com ele é obrigado a dialogar. Barbosa (2008), ao retomar as idéias de Humboldt tal como expostas por Hyde (1915), indica que

os antigos tinham pouco apreço pela acidentada beleza da geografia mediterrânea e que o gosto pela grandeza e magnitude de suas montanhas e terras deitadas frente a um mar aberto e vigoroso seria uma projeção moderna sobre os antigos (BARBOSA, 2008: 78).

Ainda seguindo as pistas de Hyde, a autora prossegue indicando que este acredita que há ocasiões nas quais o ambiente não controlado, da natureza ‘selvagem’ por assim dizer, poderia ser acolhedor. No entanto, são inegáveis os diversos elementos que caracterizam este como espaço de estranhamento para o homem da *polis* grega. Por isso mesmo tão próximo e tão invertido quando fora de ordem no caso de uma catástrofe; exatamente por isso tão estranho, tão monstruoso quando este ‘conhecido’ mostra sua faceta oculta – ou que pelo menos se tenta esquecer.

A ‘desordem’ natural, evocada pela força monstruosa das calamidades serve a Sólon como metáfora da ordem social alterada. Assim é construído o F 9 W:

ἔκ νεφέλης πέλεται χιόνος μένος ἠδὲ χαλάζης,
βροντῆ δ' ἐκ λαμπρῆς γίγνεται ἀστεροπῆς·
ἀνδρῶν δ' ἐκ μεγάλων πόλις ὄλλυται, ἐς δὲ μονάρχου
δῆμος ἀιδρήϊ δουλοσύνην ἔπεσεν.
λίην δ' ἑξάραντ' <οὐ> ραΐδιόν ἐστι κατασχεῖν
ὑστερον, ἀλλ' ἤδη χρῆ <καλὰ> πάντα νοεῖν.

Da nuvem vem a fúria da neve e do granizo,
o trovão se forma do brilhante relâmpago:
a partir dos grandes homens a cidade é destruída; o povo,
por ignorância, cai na escravidão do governante único.
Tendo elevado-o em excesso não é fácil depois
conter, antes todas as coisas belas é necessário agora conjecturar.

Nos dois primeiros versos deste fragmento é evidente a ideia apresentada: de elementos atmosféricos e elevados (nuvem e relâmpago) – o que faz o leitor pensar no “Zeus que ajunta nuvens” ou “Zeus do raio e do trovão” – advêm grandes males tais como a fúria (μένος) da neve e do granizo e o trovão, que deve ser entendido como o traço violento do relâmpago. Deve ficar clara que a associação com o soberano olímpico não é de forma direta, mas antes através de sutis elementos que estão relacionados com ele. Isso já demonstra uma certa autonomia do pensamento soloniano no sentido de não atribuir diretamente aos deuses a responsabilidade pelos bens e males dos homens. No entanto, é inegável que os dados apresentados pelo autor são insígnias óbvias de Zeus tal como também figura na *Teogonia* de Hesíodo, seria um de seus aspectos pungentes. Verdadeiro elemento constitutivo de sua força e importante na consolidação de seu domínio (Hes., *Theog.* 139-141). Tem-se então a inversão, o universo virado de ponta cabeça tal como sugerido por Barbosa; aparece o monstruoso!

É essa mesma inversão que Sólon destaca na destruição da cidade, oriunda dos *grandes homens* (ἐκ μεγάλων ἀνδρῶν). Estes são a própria desvirtuação do modelo conciliador para a cidade defendido pelo autor tal como já apresentado. O equilíbrio é desnaturado com a presença dos ‘grandes homens’ que desnivelam os pratos da balança, reunindo em suas mãos – e, por extensão, nas de seu grupo – *o poder do governante único* (μονάρχου). Isso seria a vitória de forma injusta (νικᾶν ἀδίκως) tal como evocada no F 5 W já citado. O oposto deste quadro de caos desmedido seria a opção conciliatória, equilibrada, defendida pelo poeta. Essas são as *coisas belas* as quais é *necessário agora conjecturar* que figuram no último dístico do fragmento. O trecho final dialoga de perto com a violência da natureza. Ainda que o homem seja capaz de se recuperar de um desastre natural este sempre deixa no atingido uma marca, um traço

indelével tal como uma cicatriz na memória, que mantém sempre viva a tensão de uma nova catástrofe. O governante único vigora na mesma chave: é difícil de se conter e a lembrança deste – ainda que não esteja explícito no fragmento – estará sempre presente ameaçando os homens da cidade. Mas de onde vem essa ameaça, essa alteração da ordem? Como a cidade pode ter sua conformação invertida da mesma maneira que o descomunal da natureza deturpa suas características? O F 12 W vem elucidar este ponto.

ἔξ ἀνέμων δὲ θάλασσα ταράσσεται· ἦν δέ τις αὐτὴν
μὴ κινῆι, πάντων ἐστὶ δικαιοσύνη.

O mar se agita a partir do vento, se algo mesmo
não o move, é de todas as coisas a mais certa.

Como é visível, a metáfora da alteração da ordem da natureza é também evocada neste fragmento. O mar agitado é certamente um dos maiores temores dessa sociedade ateniense, marcada por suas habilidades no mar e a dependência deste. Atenas é a cidade conhecida por seu bom desempenho, mercante e militar, no mar; qualquer coisa que o agite, que o retire de sua paz é, seguramente algo aterrador em tudo aquilo que se refere a própria sobrevivência mesmo do corpo social. Acreditamos que não seríamos capazes de mensurar a força da expressão de tal imagem, de tal metáfora, elencada por Sólon em seu fragmento. Restando-nos portanto somente a possibilidade de indicarmos a força imanente na figura retratada pelo poeta.

No trecho citado a agitação é algo externo, não é o próprio mar que se move. Assim, o governante único pode ser entendido como aquele que, fundamentado em impressões e inspirado por influências externas, deturpa a ordem social da cidade; o mesmo vale para as próprias alterações da nuvem em neve e granizo e do relâmpago em trovão: estas sugerem a ação implícita de um deus. Esta interpretação não é exagerada caso seja lembrada a proximidade entre Zeus e o trovão já citada e o epíteto ‘treme terra’ (ἐννοσίγαιον) (Hes., *Theog.* 456) atribuído ao mesmo Zeus na *Teogonia* hesiódica. Jouteur acrescenta, neste mesmo viés, o seguinte pensamento:

Os fenômenos físicos, climáticos, geológicos, são imputados a existência de criaturas divinas ou monstruosas em cólera, de forma que a natureza manifesta uma violência inabitual, deixando o observador humano tanto surpreso quanto desamparado (...). Eles [divindades] se mostram por sua

imensidão, por sua força ou inteligência, possuindo uma pujança que ultrapassa aquela do homem. (JOUTEUR, 2009: 13)⁵

Outra possibilidade de interpretação dos ditos de Sólon no citado fragmento é aquela que apela para a tentativa de salvar o corpo de cidadãos motivando-os, Sólon alega que a turbulência pela qual passavam é produzida por fatores externos. Com o esforço de consolidar a união do grupo social e da cidade, impulsiona-os a despeito da condição adversa metaforicamente representada pelo mar bravio em que navegavam. Seja qual for a opção de interpretação que se acate, o paralelo com a ordem social é um *tópos* bastante conhecido e, no poeta, agora renovado: já não se busca o mar agitado somente, mas a retidão do mar quando este não é agitado pelo vento. O termo é o superlativo *δικαιοσύνη* (*lit.*: mais de acordo com o costume, o mais justo). Como Chantraine delimitou, *ἄδικος* possui essa acepção de algo que ‘faz torto’, mas a utilização mais comum é aplicada a contextos políticos/sociais até mesmo neste significado. Ou seja, alguém que faz as leis, os costumes, a ordem torta, alguém que ‘entorta’ o estabelecido. A figuração de *δικαιοσύνη* neste contexto evoca inevitavelmente o equilíbrio defendido pelo arconte através da conciliação, a ordem reta, a lisura da superfície do mar tranquilo que ele propõe. Afastando-se assim da violência da inversão da ordem. Por fim, o que se apreende é que a chave de entendimento proposta no fragmento F 5 W, a da conciliação e do equilíbrio social, é de fato trabalhada nos fragmentos F 9 W e F 12 W a partir da metáfora da violência monstruosa da natureza – ou seria dos deuses? – evocada através de símbolos tais como o trovão, a neve, o granizo e o mar revoltoso.

A figura do excesso de força associado a elementos naturais não é desconhecida do horizonte grego. Hesíodo, que antecedeu Sólon em cerca de um século⁶ foi amplamente citado na análise dos fragmentos solonianos já acenando com essa perspectiva. Além disso em seu poema *Trabalhos e os dias*, Hesíodo através da parábola do gavião e do rouxinol (Hes., *Op.* 202-224) discorre a respeito do excesso de força que os poderosos detêm na sociedade de então, comparando-os aos governantes que oprimiam o povo. As circunstâncias apresentadas por Hesíodo no conjunto de seus poemas – *Teogonia* e

⁵ *Les phénomènes physiques, climatiques, géologiques, sont imputés à l'existence de créatures divines ou monstrueuses en colère, lorsque la nature manifeste une violence inaccoutumée, laissant l'observateur humain aussi surpris que désamparé (...). Ils se signalent par leur immensité, leur force ou leur ruse, possèdent une puissance qui dépasse celle de l'homme.*

⁶ Não nos ateremos a maiores detalhes a respeito da datação provável para as composições hesiódicas por não se tratar do escopo do presente trabalho. Para maiores detalhes a respeito dessa questão cf. GOMES, 2007. Sobretudo o *Capítulo I – Preparativos da Jornada: o contexto de Hesíodo e de sua obra*, p. 14-52.

Trabalhos e os dias – demonstram uma sociedade desequilibrada, injusta. O que se tem então é a questão da justiça (impulsionada através de uma disputa judicial entre Hesíodo e seu irmão Perses) perpassando como plano de fundo de todo poema *Trabalhos e os dias*, enquanto a consolidação da ordem e soberania de Zeus é o fundamento da *Teogonia*.

Teógnis, autor de Mégara da segunda metade do século VI⁷ evoca novamente a destruição da cidade em seus versos elegíacos. Nos versos 43-52 o poeta, utilizando-se do mesmo verbo empregado por Sólon em seu F 9 W (ὄλλυμι: destruir), retrata a desvirtuação de uma cidade.

οὐδεμίαν πω, Κύρν', ἀγαθοὶ πόλιν ὤλεσαν ἄνδρες,
ἀλλ' ὅταν ὑβρίζειν τοῖσι κακοῖσιν ἄδηι
δῆμόν τε φθείρουσι δίκας τ' ἀδίκοισι διδοῦσιν
οἰκείων κερδέων εἴνεκα καὶ κράτεος·
ἔλπεο μὴ δηρὸν κείνην πόλιν ἀτρεμέ' ἦσθαι,
μηδ' εἰ νῦν κείται πολλῇ ἐν ἡσυχίῃ,
εὐτ' ἂν τοῖσι κακοῖσι φίλ' ἀνδράσι ταῦτα γένηται,
κέρδεα δημοσίωι σὺν κακῶι ἐρχόμενα.
ἐκ τῶν γὰρ στάσιές τε καὶ ἔμφυλοι φόνοι ἀνδρῶν·
μούναρχοι δὲ πόλει μήποτε τῆιδε ἄδοι.⁸

Nunca nenhuma cidade, Cirno, homens bons destruíram;
mas quando aos maus agrada serem arrogantes
arruinam um povo e dão sentenças a favor dos injustos
visando os próprios ganhos e poder.
Não espere que por muito tempo aquela cidade não trema,
ainda que agora descansa em muita calma,
quando se tornarem caros aos homens maus
esses ganhos vindos em detrimento do povo.
Conflitos sociais, assassinatos de homens da mesma tribo
e monarcas. Que isso nunca agrade esta cidade.

A destruição da cidade permanece, mas certamente o tom dessa destruição muda. Já não temos a destruição ocasionada pela alteração da ordem e pelo desequilíbrio. O que se vê é a não-destruição da cidade nas mãos dos bons homens (ἀγαθοὶ ἄνδρες). É significativo o uso de ἀγαθός para qualificar os homens que bem governam a cidade. Bons é como a aristocracia se definia juntamente com belos no conjunto de adjetivos καλοὶ καὶ ἀγαθοὶ, amplamente conhecido e difundido. Assim a proposta de Teógnis,

⁷ Para maiores detalhes a respeito da datação para Teógnis sugerimos: ONELLEY, 2009. Sobretudo o capítulo 2. *O poeta e sua época*, p. 15-29.

⁸ A tradução dos versos de Teógnis apresentadas neste trabalho foram feitas por Carlos E. S. L. Gomes, Marina P. D. Mortoza, Gustavo Frade, Vanessa Brandão, Letícia L. Damasco e Douglas Silva, baseada no texto grego estabelecido por Martin West.

distanciando-se daquela de Sólon, é a da manutenção da ordem aristocrática, desprezando os valores populares (dos homens maus, κακοῖσι ἀνδράσι). Para o megarense, esses novos valores são a real inversão da ordem, a monstruosidade que vem para destruir a cidade, muito mais perigosa que qualquer catástrofe da natureza. Ou seja, já não é uma monstruosidade que destruirá a cidade... são os monstros que nela habitam e que cada vez mais passarão a controlar os valores vigentes nessa.

Os fragmentos e versos destes três autores: Hesíodo, Sólon e Teógnis corroboram para a formação de um panorama geral da política do Período Arcaico Grego. Hesíodo percebe os excessos políticos frequentes no cotidiano de sua época e aponta que isso decorre dos desmandos da aristocracia; Sólon, na mesma trilha propõe o equilíbrio das forças, um balanço conciliatório (sob seu forte escudo) buscando acalmar os ânimos tão exaltados de antanho. Frente a investida conciliatória, o tom da reação aristocrática é apresentada por Teógnis que trazendo a mesma figura metafórica da violência e da destruição aponta que somente esse grupo dos *belos e bons* é capaz de evitar a total decadência do grupo social.

Autores posteriores construíram a imagem de um Sólon saindo como vencedor de todo esse impasse, apresentando a proposta deste como a prevalente no cenário ateniense. No entanto, o que se apresenta como caro elemento aqui não é o favorecimento deste ou daquele projeto político, mas antes a força que a destruição, a violência e a catástrofe têm no momento em que se pretende estabelecer um diálogo entre o poeta, o estadista, o aristocrata e a sociedade. São as metáforas da violência, dos monstros e da monstruosidade atuando a favor da divulgação de uma mensagem política contra uma divisão ou a favor do estabelecimento de uma ordem coesa. Concluindo, há uma passagem do texto do pesquisador Jeha que ilustra essa ligação entre a metáfora e o monstro que podemos estender à monstruosidade:

O que liga os dois ou mais elementos de uma metáfora é a ideia que ela representa. O mesmo se dá com os monstros: eles estão por um aviso ou um castigo por alguma ruptura de código – por um mal cometido.⁹

Para Hesíodo o mal é a violência da opressão dos governantes; para Sólon este se dá na desordem e desequilíbrio das forças; para Teógnis no avanço dos homens maus. Três

⁹ JEHA, Julio. *Monstros como metáforas do mal*. In: JEHA, Julio (org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. (Humanitas pocket) p. 22.

monstruosidades que dialogam com somente uma ruptura: a da ordem estabelecida; que denunciam somente um problema: a instabilidade do quadro social.

Referências Bibliográficas:

Fontes textuais:

HESIOD. *Theogony; Works and days*. Traduzido por: M. L. West. Oxford: University Press, 1999. (Oxford world's classics)

HESIODI. *Theogonia, Opera et dies, Scutum*. Editado por: Friedrich Solmsen. Reeditado por: R. Merkelbach e M. L. West. Oxford: Oxford University Press, 1990. (Scriptorum classicorum bibliotheca Oxoniensis)

WEST, Martin L. *Iambi et elegi graeci ante alexandrum cantati*: Vol. I. Editado por: Martin L. West. Oxford: Oxford University Press, 1992.

WEST, Martin L. *Iambi et elegi graeci ante alexandrum cantati*: Vol. II. Editado por: Martin L. West. Oxford: Oxford University Press, 1992.

Obras de Referência:

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque – Histoire des mots*. (Vol. I – A - Δ) Paris: Éditions Klincksieck, 1968.

LE GRAND BAILLY DICTIONNAIRE GREC FRANÇAIS. Paris : Hachete, 2000. (4ª edição)

SMYTH, Herbert W. *A greek grammar – for colleges*. New York: American Book Company, 1920.

Artigos:

BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. Representações do feminino no Drama Satírico: as ninfas, amenas e sombrias. *Humanitas*, Vol. 60, p. 75-86, 2008.

HYDE, W. W. The ancient appreciation of mountain scenery. *Classical Journal*, Vol. 11, nº 2, p. 70-84, 1915.

Bibliografia Geral:

BARBOSA, T. & PARAIZO, M. (org.) *Assomos e Assombros*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. (Vivavoz)

GOMES, Carlos E. S. L. *Themis e Dikê em Hesíodo: Afirmação de uma ideologia camponesa ante os reis “comedores-de-presentes” na Grécia Arcaica (século VII a.C.)*. Niterói: UFF/ICHF, 2007. (mestrado)

JEHA, Julio (org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. (Humanitas pocket)

JOUTEUR, Isabelle. *Monstres et merveilles – Créatures prodigieuses de l'Antiquité*. Paris: Les Belles Lettres, 2009. (L'Antiquité par ses textes)

LEÃO, Delfim F. *Sólon: Ética e Política*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. (Manuais Universitários)

ONELLEY, Glória B. *A ideologia aristocrática nos Theognidea*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.